

## **A geografia dos esportes no Brasil: entrevista com Gilmar Mascarenhas**

The Geography of Sports in Brazil:  
Interview with Gilmar Mascarenhas

### **Fausto Amaro**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/Brasil  
Doutor em Comunicação, UERJ  
faustoarp@hotmail.com

### **Filipe Mostaro**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/Brasil  
Doutor em Comunicação, UERJ

**RESUMO:** Entrevista concedida por Gilmar Mascarenhas, geógrafo e professor da UERJ, a Fausto Amaro e Filipe Mostaro, pesquisadores do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME). A entrevista foi parte de uma série de gravações empreendidas pela equipe do LEME com pesquisadores proeminentes nos estudos sociais do esporte e que estão disponíveis on-line.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gilmar Mascarenhas; Futebol; Estádios; Geografia do esporte.

**ABSTRACT:** Interview given by Gilmar Mascarenhas, geographer and professor at UERJ, to Fausto Amaro and Filipe Mostaro, researchers at the Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME). The interview was part of a series of recordings undertaken by the LEME team with prominent researchers in the social studies of sport and which are available online.

**KEYWORDS:** Gilmar Mascarenhas; Football; Stadiums; Sport Geography.

## APRESENTAÇÃO<sup>1</sup>

Em meados de 2014, o Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/UERJ) iniciou uma série de entrevistas com professores e pesquisadores canônicos nos estudos sociais do esporte no Brasil, uma iniciativa que buscava preservar a memória de campo tão profícuo de investigações. Foram entrevistados Gilmar Mascarenhas, Ronaldo Helal, José Carlos Marques, Hugo Lovisoló, Édison Gastaldo, Anderson Gurgel, Ary Rocco, Fernando Segura Trejo, Márcio Guerra, Bernardo Buarque de Hollanda, Sérgio Settani Giglio, Cesar Torres.

A entrevista com o saudoso geógrafo e professor da UERJ Gilmar Mascarenhas foi realizada pelos pesquisadores do LEME Fausto Amaro e Filipe Mostaro no dia 30 de julho de 2014, algumas semanas após o encerramento da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Era um momento de empolgação com a realização de megaeventos na cidade, que culminou com os Jogos

---

<sup>1</sup> Agradecemos o apoio de Marina Perdigão Mantuano, aluna de Relações Públicas da UERJ e bolsista de Iniciação Científica do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte, pelo imprescindível trabalho de transcrição do material bruto da entrevista.

Olímpicos de 2016. Tanto a Copa quanto os Jogos Olímpicos tinham pela primeira vez uma sede em um país da América do Sul. Diante desse cenário, Gilmar nos fala sobre suas impressões do processo de arenização dos estádios então em curso, de suas pesquisas sobre a geografia do futebol brasileiro e de suas expectativas para o que seria o legal daqueles megaeventos.

Gilmar Mascarenhas era doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (2001), com estágio na Universidad de Barcelona (1999-2000), e pós-doutor em urbanismo de megaeventos na Université Paris I Panthéon-Sorbonne (2012-2013). Em 1992, ingressa como professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde atuava como docente de geografia urbana. Também compunha o quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO-UERJ) desde sua criação em 2003. Foi professor convidado na Université Michel de Montaigne – Bordeaux III em 2011.

Gilmar publicou cinco livros e dezenas de artigos em diversos países, sendo *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol* sua obra mais recente e que fora indicada para a Feira

de Frankfurt, em 2014. Suas pesquisas sobre esporte envolveram temáticas diversas ligadas ao território, cidade, cultura, cotidiano e políticas urbanas. Gilmar possuía especial interesse pelos megaeventos, tema de seu projeto no Prociência (UERJ) e de sua bolsa de produtividade do CNPq e também do grupo de pesquisa “Megaeventos Esportivos e Cidades”, do qual era líder e mentor.

\* \* \*

**LEME (Fausto Amaro; Filipe Mostaro)** – Olá, Gilmar. Conte-nos um pouco sobre sua trajetória acadêmica, como surgiu o interesse por esportes e como essa paixão se transformou em pesquisas e em uma carreira profissional?

**Gilmar Mascarenhas** – O meu interesse pelo esporte, ele começa já mais tarde, eu já era professor aqui da UERJ. Em 1994, aqui na UERJ, existia um núcleo de Sociologia do Esporte que era coordenado pelo professor Mauricio Murad, que já se aposentou, e, em 1994, ele fez um evento aqui na UERJ, em

comemoração aos 100 anos do futebol no Brasil, tomando 1894 do século XIX como aquela famosa data da chegada de Charles Miller em São Paulo, com as bolas de futebol e as regras. Naquele instante, o futebol ainda era um certo tema tabu dentro das Ciências Humanas, no universo acadêmico no Brasil. Embora geralmente se tome os anos 1980, com aquela famosa coletânea que Roberto da Matta produziu em 1982, *O universo do Futebol*, como um marco em que o tema começa a conquistar uma certa legitimidade no espaço acadêmico. Mas isso é um processo muito lento. Um processo que em 1994 era um tema difícil, ainda mais para a minha área. A Geografia é uma área em que não existia realmente nenhum trabalho feito aqui no Brasil que trabalhasse o tema. Mas eu participei desse evento, acompanhei esse evento, comecei a ler sobre o tema e fui descobrindo alguns trabalhos feitos fora do país, na França, nos Estados Unidos, que trabalhavam a Geografia dos Esportes. Assim, eu fui fazer meu doutoramento na USP, já trabalhando o futebol, e o meu tema foi uma Geografia histórica do futebol no Brasil, na qual eu procuro fazer uma análise de como a presença do imperialismo inglês no final do século XIX, e

não só ele, mas como outras redes que atuavam no país, por exemplo, os padres, as diversas ordens religiosas, como os jesuítas, os salesianos, maristas, como que diversas redes que já circulavam no mundo, elas já vinculavam o futebol como uma informação. E, ao mesmo tempo em que eu analiso essas redes mundiais de difusão do futebol, eu vou analisar o caso do país como um território específico.

**LEME** – Pode nos contar mais um pouco sobre os “achados” dessa pesquisa?

**Gilmar** – O Brasil é um país que vai apresentar um processo de adoção do futebol distinto de vários outros países, se for comparar o Brasil com Uruguai, Argentina, Chile, diversos países mesmo fora daqui da América do Sul, países europeus como a França, a Itália. Na Itália, pode-se dizer que o futebol aporta no porto mais importante que é Gênova; na França, o porto de Le Havre, que fica no norte da França, muito próximo a Inglaterra, é onde o futebol tem um registro primeiro de chegada. No Uruguai, pelo porto de Montevideu; na Argentina, pelo porto Buenos Aires; no Chile, pelo porto de Val Paraíso.

Então, você tem situações muito claras em que o principal porto que esses países tinham foi o lugar da primeira informação sobre o futebol. Só que o Brasil é um país diferente, é um país muito grande e que não apresentava naquele final de século XIX um único grande porto, embora o do Rio de Janeiro fosse o maior porto, e depois Santos com o café também. Mas esses portos não tinham uma área de influência que tomasse o país como um todo. O futebol chega ao mesmo tempo por vários pontos do território do país, então se tem um processo muito mais complexo de adoção do futebol no Brasil. A tese eu defendi no ano de 2001, já se vão treze anos, e aí depois eu vou retomar o tema do esporte, mas agora para estudar os megaeventos esportivos.

**LEME** – Os últimos anos têm sido realmente propícios para investigar o fenômeno dos megaeventos. Como surge o seu interesse por essa temática?

**Gilmar** – Em 2003, eu começo a investigar o tema, quando o Rio de Janeiro já é uma cidade escolhida para sediar os Jogos Pan-americanos, e aí eu vou me inspirar em alguns autores

como o espanhol Francesc Muñoz, de Barcelona, que trabalhou o tema que ele cunhou de urbanismo olímpico, que é de pensar quais são as transformações urbanas que estão relacionadas à realização de um evento esportivo, no caso um evento olímpico. Então, eu acompanhei de perto toda a preparação do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Pan-americanos, os impactos urbanos, a escolha dos locais, enfim, o legado desses jogos. E, quando os Jogos Pan-americanos acabam, logo depois, em 2009, a cidade é eleita a cidade da Olimpíada de 2016, então o tema continua sendo trabalhado até hoje, embora, como esse tema é um tema que virou uma moda impressionante, você tem hoje centenas de pessoas estudando esse tema em várias áreas de conhecimento, eu comecei um pouco a arrefecer meu interesse por ele e fui voltando a uma paixão que é o futebol. Eu busquei o futebol porque para mim sempre foi uma paixão muito grande e eu sempre achei que fosse impossível casar a minha geografia, que é uma paixão, com o futebol, que é uma outra paixão, mas foi esse contato com o Núcleo de Sociologia do Futebol aqui da UERJ, foi um ato de desbravar esse tema. Então, eu posso dizer que mais recente-

mente, nos últimos dois anos em função da Copa do Mundo, dessa transformação dos estádios de futebol, eu passei a me debruçar um pouco mais sobre esse tema. Neste sentido, o Brasil é um país que tem um parque de estádios fantásticos. Segundo a FIFA, no final da década de 1970, dos dez maiores estádios do mundo, seis estavam aqui entre nós. Dos dez maiores, seis eram brasileiros. Então, o legado do regime militar foi muito efetivo, e esse grande legado, esse parque de estádios, ele é hoje alvo de uma condenação muito grande, são acusados de serem estádios obsoletos, envelhecidos, estádios que não oferecem conforto, segurança e tal. Então, o país sofre hoje uma onda de reforma desses estádios, e a Copa do Mundo serviu muito pra isso, para injetar recursos públicos nessas reformas. E o que me preocupa pensar é o quanto que essa transformação nos estádios afeta e exclui alguns segmentos. Há uma exclusão socioeconômica, um corte a partir do poder aquisitivo do torcedor. Esses estádios trazem consigo um pacote normativo muito claro, todos tem que ficar sentados, não pode ficar em pé, porque você não pode atrapalhar o campo visual do consumidor, que é o torcedor, você não pode atrapa-

lhar. Enfim, é um novo estádio, no qual ele impõe um pacote de normas que, a meu ver, agride uma cultura popular, uma tradição de torcer aqui no nosso país. Então, basicamente, pensando nos 20 anos estudando o esporte, o futebol, é esse o percurso que eu fiz.

**LEME** – Aproveitando que você trouxe essa perspectiva histórico-geográfica na discussão sobre os estádios, vamos retomar o tema da sua tese, porque a gente sabe que nela você também desenvolveu uma reflexão com semelhante ênfase. Conte-nos um pouco sobre esse processo da chegada do futebol no Brasil, que você explorou tão bem durante o seu Doutorado.

**Gilmar** – Em 2001, eu defendi uma tese de doutoramento na USP em Geografia Humana sobre a adoção e difusão do futebol no Brasil. Nessa tese, eu procuro fazer um estudo sobre as redes mundiais que estavam presentes no território brasileiro, em especial um imperialismo inglês que era muito forte naquela época, redes religiosas de padres, de missionários, enfim, a rede comercial. Para ver como é que foi que a informação futebol chegou ao Brasil, por que locais, por que pon-

tos do território, chegou ao Brasil, e como foi a difusão do futebol no Brasil. Portanto, é uma geografia histórica do futebol no Brasil, e esse trabalho obteve alguns resultados inéditos, um deles foi: eu me perguntava antes por que o clube mais antigo, mais longo do Brasil é o Esporte Clube Rio Grande, no extremo sul do país. Depois, estudando porque o campeonato de futebol do Rio Grande do Sul foi o primeiro do Brasil a ter uma cobertura territorial expressiva. Em 1919, 1920, você tinha clubes da capital, do pampa gaúcho, da parte norte do Estado, você tinha uma cobertura interessante. Então, eu fui estudando essas influências das conexões, das redes no futebol, e, por exemplo, a gente percebe o quanto que o futebol chega primeiro na América do Sul no Uruguai e na Argentina, em função do intenso comércio que esses países já tinham com a Inglaterra, com a exportação de lã e carne. Havia uma colônia britânica imensa nesses países. O Rio Grande do Sul pode contar com uma. O Brasil é um país imenso, com uma fronteira imensa, mas uma fronteira que em quase toda sua extensão são vazios demográficos, a nossa fronteira mais viva é a fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, de intensos

contatos humanos, sociais, comerciais. Então, o Rio Grande do Sul, ele pode se servir dessa precocidade do futebol na Região do Prata. Eu acho muito assintomático pensar que o primeiro confronto entre seleções nacionais na história do futebol foi entre Inglaterra e Escócia; não poderia ser outro, Inglaterra, a mãe do futebol, e seu vizinho imediato e de maior rivalidade. O segundo confronto não foi Inglaterra x Irlanda, não foi Inglaterra x Bélgica, foi Argentina x Uruguai. Isso mostra a precocidade desse futebol, e os gaúchos que vieram beber dessa precocidade, também a presença alemã muito forte no Rio Grande do Sul. O Brasil foi muito resistente em adotar o futebol. O futebol chegou ao Brasil em várias localidades, mas não foi aceito, e por quê? Porque o futebol chegou para quem? Ele chegou para as elites, e as elites elas tinham uma cultura de corpo em que se aceitavam esportes brandos, esportes que prezavam pela destreza, pelo equilíbrio, como o turfe, o remo, que chegou um pouco depois e a esgrima. O futebol é um esporte de movimentos quase que descoordenados, de choque físico, de muito suor. Um país que foi o maior país escravista do mundo moderno, onde o trabalho era visto como algo que

fazia mal as pessoas, ter músculos era algo muito malvisto naquela época, então o futebol teve muita resistência no Brasil. No Rio Grande do Sul, os alemães criaram uma cultura esportiva, uma cultura de ginástica que também ajudou. Enfim, existe uma série de fatores que vou explicando em cada pedaço do Brasil como é que o futebol foi chegando.

**LEME** – E depois da tese? Esse trabalho virou livro...

**Gilmar** – Aí, depois da tese, eu trabalhei com outros temas mais recentes, um deles é o que eu chamo de metropolização do futebol no Brasil, que é essa influência crescente dos clubes das metrópoles, clubes de São Paulo e Rio de Janeiro. O Brasil tinha na década de 1960, 1970, cidades pequenas e médias com clubes de futebol muito vivos. Você tinha campeonatos municipais de futebol no Brasil inteiro, e esses clubes pequenos muitos foram desaparecendo, muitos se fundiram com outros clubes, a maioria desapareceu. Então, há hoje uma concentração oligárquica de alguns clubes, e isso vai cada vez mais acontecer. Isso é um processo marcante no futebol brasileiro dos nossos dias, um país que até a década de 1960 dava

um valor imenso aos campeonatos locais, estaduais, que hoje são altamente desvalorizados. Eu lembro que na minha infância ser campeão carioca tinha culturalmente um peso maior que ser campeão do Brasil ou até mesmo da Copa Libertadores, o que hoje está completamente invertido. Enfim, todo esse estudo que eu fiz eu pude juntar em um livro, que é o *Entradas e bandeiras – a conquista do Brasil pelo futebol*, no qual eu tenho desde os primórdios do futebol no Brasil, desde o contexto que permitiu a chegada do futebol no Brasil, até a chegada em 2014 à Copa do Mundo no Brasil. Então, é um longo percurso em que eu faço essa geografia histórica do futebol. Só pra fechar, umas coisas curiosas. Eu levanto algumas hipóteses que são bastantes polêmicas, uma delas é que eu arrisco dizer que, caso o imperialismo norte-americano fosse mais bem sucedido, aquele plano “América para americanos”, a Doutrina Monroe, chegasse ao Brasil um pouco antes, 20 anos antes, eu acho que agora estaríamos falando de beisebol e não de futebol. Porque a gente percebe que na América Central, na região do Caribe, onde os Estados Unidos conseguiram chegar com a sua influência mais forte que os

ingleses, eles conseguiram fazer valer o seu esporte nacional, que era o beisebol. Na Venezuela, na América do Sul, mas os ingleses foram menos decididos, os americanos conseguiram... Então, eu creio que você pode gerar um mapa dos esportes no mundo, que é o mapa da influência colonial e imperial no dado momento daquela história. Então, acho que a década de 1920 é um marco em que se diz: olha, a partir de agora, o país está mais ligado aos Estados Unidos do que a Inglaterra. A Primeira Guerra Mundial é um marco. Portanto, se os americanos tivessem sido mais consistentes, 20 anos antes seria suficiente para que o beisebol fosse a paixão nacional, o país fosse pentacampeão de beisebol, ou alguma coisa desse tipo.

**LEME** – Um tema frequente de seus estudos tem sido os estádios de futebol. O que você pode nos dizer do processo de “arenização” pelo qual muitos estádios brasileiros estão passando?

**Gilmar** – Bem, o tema dos estádios me interessa pensar no seguinte, os estádios no Brasil já existem há mais de cem anos, então existe uma trajetória importante. Eles começam quando o futebol ainda é quase, grosso modo, um passatempo de al-



guns rapazes. Os clubes de futebol, os primeiros clubes, ainda eram agremiações de muito pequeno porte, quase que grupos de colegiais, amigos de rua que iam fundando os clubes. Por exemplo, o Botafogo, ele teve seu primeiro presidente um colegial que tinha 17 anos de idade; ele assina a ata como presidente do Botafogo Football Club. O futebol era estar entre amigos. Mesmo com o futebol ganhando expressão, os estádios, ainda eram estádios que eu procuro chamar de um estádio aristocrático, porque é um estádio de muito pequeno porte, ele se assemelha um pouco a um teatro a céu aberto, o pavilhão que se constrói ali com algumas cadeiras bem colocadas, acolhoadas assim. Então, é o lugar para que sócios, amigos e parentes dos jogadores prestigiassem esses eventos. Mas o futebol, ele vai ganhando popularidade e já na década de 1920, mais precisamente em 1927, o Vasco da Gama constrói um estádio de massa, um estádio de grande porte, que é o estádio de São Januário, que já na época parece que são 35 mil pessoas que cabem no estádio. Para aquela época era uma avalanche de gente, né? Quarenta mil pessoas. Em São Paulo, temos o Palestra Itália de 1933. E aí começa a intervenção

pública, do Estado, dos governos estaduais e municipais, quando, em São Paulo, a municipalidade paulista edifica o estádio do Pacaembu, que é um estádio magnífico em termos de projeto arquitetônico, para 60 mil pessoas. Então, aquilo é um marco para dizer: olha, o futebol atingiu um estágio de importância, de significado, que envolve investimentos públicos para construir essas arenas. E, logo depois, o Rio de Janeiro faz o Maracanã, que, a meu ver, foi feito para Copa, mas, mesmo que não houvesse Copa, nós teríamos um Maracanã, porque acho que o Rio de Janeiro enquanto capital federal havia um debate que a cidade precisava ter um equipamento de porte maior que o de São Paulo, obviamente, que expressasse a capacidade operativa do governo. Agora, esses estádios, eles eram praças de esporte. Isso é importante dizer. Praça por quê? Porque não eram somente estádios de futebol, era todo um complexo esportivo que envolvia piscina olímpica, envolvia ginásios, a própria pista de atletismo em volta do campo, ou seja, o Estado brasileiro entra para construir, mas não só para o futebol. Existe toda uma ideologia do Estado Novo no Brasil, com muita inspiração nazifascista, que dizia que o es-

porte participa da formação do “novo homem”. É um discurso bem fascista. Esse novo homem, esse homem que pratica esporte, por isso ele está apto para exercer atividades do trabalho, para acordar cedo, essa sociedade de uma ordem, o esporte vai nesse momento prestar esse serviço e aí, então, se constrói estádios com todo um conjunto esportivo a sua volta e também até com escolas. O estádio da Fonte Nova, em Salvador, que é de 1951, ele continha uma escola estadual embaixo das arquibancadas do estádio. E aqui no Maracanã, quando houve, no Rio de Janeiro, nos anos 1940, o debate sobre o que vai ser esse novo estádio municipal, se ia ser nacional até o municipal, esse debate todo, onde vai ser, havia, é claro, opiniões a favor e contra. O Mario Filho defendendo um estádio gigantesco e tal e que fosse aqui, onde hoje estamos, na UERJ, ao lado da UERJ. Havia outros projetos, mas aqueles que eram contrários diziam assim: “Olha, isso não pode ser uma política autoritária, temos que investir em saúde, em educação”, e aí o que o Mario Filho respondia: “Um estádio, um complexo esportivo, é saúde e educação também, vale mais que hospitais, porque ele vai reduzir a procura por hospitais”.

O Maracanã iria ajudar a criar uma geração mais saudável, porque ele ia estimular o esporte. Então, hoje se fala tanto em estádios multiusos, multiusos eram aqueles estádios, que tinham uma escola no seu interior, que tinham múltiplos esportes junto com o futebol. Pois bem, aí chega o regime de exceção de 1964, e os militares chegam para abafar toda uma situação de descontentamento, de movimentos sociais, estudantis e sindicatos e eles percebem o futebol como aquilo que depois vão chamar de ópio do povo, o futebol como um grande universo que pode catalisar e canalizar tensões sociais e desviar atenções em relação à política. Essa é uma história que todo mundo conhece bem. Então, esse regime militar vai estimular a realização de campeonatos nacionais no Brasil. O Brasil é um dos últimos países a criar um campeonato de escala nacional, e isso não é por acaso, é pelo tamanho do país e pelo precário grau de integração desse território. É no pós-1930 é que vai começar a ter políticas de expansão de rodovias e de integração nacional. Essa interação nacional vai caminhando ao longo do século XX. Brasília também já é um sinal dessa expansão para o interior do país, e o futebol vai acompanhando

do isso aos poucos. Para criar um campeonato nacional, a CBD, na época, dizia que era preciso ter estádios à altura dessa competição. Mas por quê? Porque o governo estava pronto para financiar isso. Então, tem uma geração de estádios que vão chegar fora dos grandes centros, vai chegar em Maceió, vai chegar em Fortaleza, em Natal, quando era uma cidade de apenas, sei lá, 100 mil habitantes. Então, vai se criar no Brasil um grande parque de estádios, e o que tem de comum entre todos eles é que eles eram rústicos. Eles eram grandes investimentos, mas eram uma coisa que, já que era para o povão, era algo rústico mesmo, as arquibancadas eram de cimento, sem nenhum tipo de sofisticação e grandes anéis de arquibancadas, ou seja, essa rusticidade, para o povo caiu bem. Porque o povo, e aí entra um pouco da cultura brasileira, que é um povo que muitos consideram no exterior um povo festivo, um povo com uma capacidade de realização, de uma sociabilidade intensa no espaço público, o povo brasileiro ele vai inscrevendo nesses estádios uma série de comportamentos, de práticas festivas. E, aí, esse estádio, ele é uma página em branco, porque ele é uma estrutura rústica, quase que indiferente, um

anel imenso, tipo assim: ocupe-se. Ele estava pronto para ser produzido enquanto uso. Então, vai haver essa apropriação intensa da população e vai fazer dos nossos estádios das massas um estádio extremamente festivo, com um repertório maravilhoso de canto, de danças. Alguns falam de uma carnavalização dos estádios, então tudo isso vai ser criado nesses estádios, ou seja, o Brasil chega ao final do século XX com um parque de estádios imenso, de estádios grandes e com uma cultura de torcer nesses estádios. Mas aí o futebol está passando por algumas metamorfoses desde que o João Havelange assumiu a FIFA em 1974. O futebol vai se reformatando numa capacidade de atrair investimentos, mais marketing, grandes empresas, os jogadores vão passar a ter salários astronômicos, vão surgir campeonatos bastante financiados, e, neste cenário, esses estádios começam a ficar em descompasso com uma nova ordem do futebol, que é uma ordem muito mais elitista e que os atletas, eles são astros internacionais, alguns deles são multimilionários. Então, aquele estádio rústico, com pessoas de baixa renda, vai entrando em descompasso. Ao mesmo tempo, os clubes que tanto se beneficiaram com esses

estádios das massas, com o valor dos ingressos, eles agora têm muito mais na sua receita enquanto empresa a transmissão na TV, os direitos de transmissão. Então, se esse público, se essas massas construíram no estádio uma forma de uso, de estar ali, que é barulhento, que, por ser muito intensa, ela gera conflitos, e esses conflitos poderiam, em alguns casos, gerar problemas sérios para os estádios, então o melhor a fazer era mudar o público dos estádios. Tem um livro fantástico do escritor britânico Nick Hornby que é o *Febre de bola*. Ele descreve a sua trajetória enquanto torcedor do Arsenal e seu fascínio pelos estádios. Ele conta que quando era adolescente, aos 13 anos de idade, ia ao estádio com o seu pai no setor, digamos assim, familiar do estádio e ele ficava sempre olhando com muita fascinação para a ala que ficava atrás do gol, onde ficavam os rapazes já crescidos e com uma expressão de uma virilidade de saltar, de empurrar. E ele fica sonhando com o dia em que ele chegaria ali. Então, aos 16 anos ele cruza aquela catraca, vai até lá e relata da seguinte forma: de todos os ritos de passagem que compõe a minha passagem para a vida adulta, que é meu primeiro cigarro, meu primeiro *drink*, meu

primeiro porre, o primeiro beijo, a primeira transa, entrada na universidade, tudo isso que forma essa passagem para uma vida adulta, nenhuma delas se compara ao dia em que eu atravessei a catraca do setor norte e fiz parte daquilo ali. Em seguida, quando o livro já fala dele adulto, os estádios vão sendo reformados, e ele destaca: é óbvio que isso ia acontecer, é óbvio que isso tudo é muito triste, mas é óbvio que isso seria inevitável. Os clubes sempre vão preferir, é claro, torcedores com mais dinheiro e muito mais comportados que os da minha época. É isso que a gente está vivendo esse momento, não é só no Brasil, mas no mundo inteiro. Mas acho que no Brasil, em especial, ele é forte porque, do que eu pude conhecer um pouco de uma cultura europeia de estádios, parece que ela nunca foi tão festiva quanto foi aqui no Brasil. Então, eu creio que essa transição desse estádio com todos sentados e tal, ela foi muito mais branda em alguns países do que aqui no Brasil. E se a gente pensar o que vai ser dos nossos estádios? Bom, primeiro, é claro que esse novo estádio, que eu faço uma crítica ao seu elitismo e ao engessamento dos corpos ali, é claro que a gente tem que reconhecer alguns ganhos nisso, e um

deles é o fato de que o velho estádio na sua dinâmica de corpos de dança, de cânticos, havia uma intensidade ali que um pouco afastava pessoas mais idosas, afastava as crianças, afastava as mulheres também. Então, era um ambiente mais tipicamente do homem e de um homem de certa idade, de 15 aos 50 anos. Então, havia certo padrão sexista nesse estádio das massas e que o estádio hoje, nesse ponto, quem vai ao Maracanã vê muito mais idosos presentes, muito mais bebês, enfim, porque é um ambiente muito mais sob controle. Mas, assim, se você me perguntar “o que vai ser desse estádio?”, se esse pacote normativo ele vai realmente vingar ou não, é claro que a gente não tem como prever. A gente está vendo um processo que está em curso, mas eu creio que fatalmente vai haver alguma negociação, não sei se alguma negociação tácita assim, do que pode e do que não pode. Que a gente tem ido aos estádios, então a gente vê uma cena se tornando comum, torcedores em pé e os “steward” (seguranças do estádio) pedindo, por favor; quando é um ou dois faz sentar, mas quando são cinquenta, cem, eles não conseguem mandar, eles ficam olhando: “e aí? vou ficar em pé”. Então, há situações que são

incontroláveis nos estádios. Pessoas já conseguem entrar no estádio portando algumas bandeiras, quer dizer, há toda uma legislação, uma séria de coisas que as pessoas estão aos pouquinhos passando por cima. O que eu imagino é que o debate está só começando. Há hoje todo um debate sobre as torcidas organizadas nesse país; a gente já está vendo eventos debatendo isso, elas estão reivindicando um espaço de debate com o poder público; elas sempre falam assim: “todos falam de nós, mas ninguém fala com a gente”. Também há uma evidente criminalização das torcidas organizadas. Assim, eu acho que a gente está vivendo hoje um momento muito interessante, que é de transição. Agora, para onde vai, não sabemos. Agora, eu acho que a gente não vai ter mais aqueles velhos estádios que nós tínhamos, mas também acho que não vai ser esse estádio frio, esse estádio elitizado, que se propõe esse estádio altamente higiênico que se coloca aí. Vai ser alguma coisa que vai ser fruto de um duelo, de um confronto, de uma negociação entre uma tradição cultural que nós temos, que já se vão décadas de uma cultura de torcer. Eu acho até que, é até um pouco ousado dizer, mas se o país tem hoje uma políti-

ca que é de reconhecimento do patrimônio cultural, patrimônio imaterial, por que não reconhecer uma forma de torcer como patrimônio imaterial também? Todos os cânticos que se produziram, todas as fantásticas coreografias das torcidas e, enfim, eu acho que a gente está vivendo um momento de transição e é muito bom poder acompanhar e participar disso. Participar reivindicando que nossos estádios não percam algo que eles tinham de mais vivo, que é esse protagonismo de quem assiste ao jogo. O que se quer hoje é fazer do estádio um estúdio, então você carregar toda tensão para o campo de futebol, fazer dele a centralidade do espetáculo, quando até então se tinha uma multicentralidade. As torcidas, a geral, ou seja, você tinha vários setores onde você podia jogar sua atenção e dialogar com elas. E, nesse processo de intervenção, nesse pacote do estádio, há uma intervenção sobre toda uma cultura popular que ali existia. Em setembro passado (2014), houve um encontro sobre futebol em Belo Horizonte e fomos todos ao Mineirão, ao novo Mineirão, e aí os colegas mineiros estavam contando que o Mineirão é um estádio peculiar porque ele fica no canto da universidade, ele tem toda uma imen-

sa explanada em volta dele, um espaço plano, uma superfície muito grande em volta dele, e, nessa imensa explanada, em dia de grandes jogos, ali se colocavam as barraquinhas, porque tem isso também, um estádio de futebol, enquanto um espaço vivido, ele não se restringe ao monumento em si. Ele tem todo um espaço externo ao estádio e, em dia de grandes jogos, esse espaço ele se expande muito. A experiência do estádio começa muito antes de chegar ao estádio, e, aí, esse estádio das massas, ele era tão multiuso que ele também permitia que o chamado setor informal da economia pudesse utilizar-se de estratégia de renda, estacionando carro, vendendo bebidas, vendendo camisa, bandeira, boné, vendendo comida também. E, como em Minas Gerais, o feijão tropeiro, ele é uma marca forte da comida mineira, se produzia muito feijão tropeiro nas barraquinhas ali fora, e era, assim, um feijão bastante popular, feito em grandes panelas, servido em quantidades generosas, e no novo estádio não tinha mais o feijão tropeiro. Você tinha que comer um *hot dog* daquele bem americano e tal, e isso incomodava mesmo os novos torcedores que falavam: “olha, eu preferia o feijão tropeiro”. Houve essa inquietude

tação e tal, esse descontentamento, e, aí, aquelas lanchonetes que operam dentro do estádio, todas muito branquinhas de verniz, elas começaram a oferecer o feijão tropeiro, e eu fui lá e pude experimentar o feijão tropeiro, e disse “olha, isso aí não tem gosto de nada, tá?!”. Além de ser numa porção pequena, uma porção *light*, em relação ao que se oferecia antes, ele não tem aquele sabor especial da comida mineira. Enfim, são momentos que você percebe essa tensão e essa negociação que vai acontecendo nesse processo de higienização dos estádios.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

HORNBY, Nick. **Febre de bola**. Editora Companhia das Letras, 2013.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 13 abr. 2020.  
Aprovado em: 23 set. 2020.